

## Percepções e Intervenções na Metrópole A experiência do 'Projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994-2002)

**Vera Maria Pallamin**

Arquiteta, com bacharelado em filosofia, professora doutora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Rua do Lago 876, CEP 05508-900, São Paulo, SP, (11) 3818-4564, vmpallam@usp.br

No plano artístico, as primeiras ocorrências do *Projeto Arte/Cidade*, em 1994 – '*Cidade sem janelas*' e '*Cidade e seus fluxos*' – tiveram uma presença marcante em São Paulo. Com ampla divulgação na mídia e considerável apoio institucional, tratava-se de um tipo de intervenção urbana de caráter diferenciado e singular em relação ao que se tinha registrado até então em solo paulistano. Se, particularmente desde os anos sessenta, já contávamos com experiências estéticas temporárias efetivadas em espaços abertos e comuns – alguns 'happenings', as ações de grupos como '3Nós3' e 'Manga Rosa', ou o evento 'Mitos Vadios' (1978), 'totalmente experimental' e realizado num terreno baldio na região consolidada da cidade, para citar apenas alguns – poucas iniciativas neste campo, contudo, tinham marcado os anos oitenta. Nestas, certamente destaca-se o pulso de Aracy Amaral à frente do Museu de Arte Contemporânea da USP, na organização do projeto 'Arte na Rua', I e II, reunindo grandes grupos de artistas na elaboração de trabalhos de arte a serem expostos em outdoors, espalhados na malha urbana.

Neste contexto, a mudança de tom impressa pelo '*Arte/Cidade*' em relação a este tipo de produção foi incisiva, não só enquanto empreendimento cultural, mas também pelo modo como se propôs tratar a questão artística da especificidade do lugar ('site-specific'), então em debate no circuito de arte mais amplo. Além disso, com a organização de edições subseqüentes — '*A cidade e suas histórias*', em 1997, e '*Arte/Cidade Zona Leste*', em 2002 — o projeto configurou como que uma marca associada a seu curador, Nelson Brissac, implementando-se em escalas maiores e mais complexas.

Embora muito se tenha comentado sobre as propostas, os artistas, as condições, os conceitos e os lugares envolvidos em cada um destes eventos, via de regra, as matérias publicadas destinavam-se a considerações pontuais, sem consumarem um exame mais extenso ou que extrapolasse o registro documental. Com a *pesquisa de mestrado* realizada por *Gabriel Girnos Elias de Souza* e orientada pelo *Prof. Dr. Fábio Lopes de Souza Santos / EESC-USP*, temos em mãos um trabalho inédito que considera o '*Projeto Arte/Cidade*' em seu conjunto, explicitando sua genealogia e entabulando uma cuidadosa ponderação crítica a seu respeito.

Construído a partir de um olhar proveniente da arquitetura e urbanismo, este estudo define as relações entre espaço urbano, estética e política como o eixo central de sua leitura, situando tal projeto no âmbito da discussão sobre cidade e cultura. Tensionado pela questão sobre como a dimensão estética tem atuado como fator de politização ou despolitização na cidade atual, a caracterização que o autor faz do '*Arte/Cidade*', e das especificidades de suas edições, contém a preocupação em explicitar que concepções as pautam sobre cidade, processos urbanísticos, história do lugar, memória urbana, público e recepção, e em que termos foram construídas experiências estéticas críticas, as potencialidades e contradições envolvidas em sua concretização.

Ao traçar alguns dos vetores contemporâneos que incidem sobre a vida cultural de grandes cidades como São Paulo, Gabriel Girnos percorre os relevos da crítica à espetacularização (Debord), do encolhimento da política (F. Oliveira) e da chamada

'virada cultural', expressão de Jameson a designar este estágio em que a produção da cultura tornou-se profundamente econômica. Esta 'funcionalização' da cultura incidiu diretamente sobre programas e políticas urbanas que chegaram às metrópoles brasileiras no início dos anos noventa, sendo orientadas por experiências realizadas em centros norte-americanos e europeus, com primazia para Barcelona. Será neste momento que passaremos a enfrentar a ideologia do trato desta cidade como uma 'empresa competitiva', a confrontar as Operações Urbanas e seus negócios imobiliários sustentados por parcerias entre o setor público e o setor privado - com notáveis ganhos para este último, as iniciativas de 'renovação urbana' ancoradas na idéia de urbanismo 'reparador', a uma onda de programas de investimentos em centros históricos financiados por empréstimos internacionais pautados por procedimentos interligados de recuperação físico-material da arquitetura, substituição de suas atividades por outras mais rentáveis e afastamento dos seus residentes pobres. Em poucos anos vimos uma leva de projetos urbanos que, sob o formato de novas narrativas para o antigo tema da 'volta à cidade', favoreceram o reajuste dos modos de renda fundiária às novas exigências e possibilidades de ganhos financeiros.

Nessa época, a contrapelo destas ações de enobrecimento e segregação sócio-espacial, a luta por habitação social acentuou-se no centro da metrópole, assumindo diferentes práticas: a ocupação organizada de edifícios e terrenos ociosos, enfrentamentos diretos, formação de novos grupos, movimentos e associações de defesa do direito à cidade dos residentes urbanos com menos recursos, geração de documentos e processos jurídicos, dossiês e literatura específica de denúncia e crítica dos processos antidemocráticos em curso e de reivindicação política.

Se tal arena pública conflitual subsidia uma das perspectivas através das quais Gabriel Girnos considera as intervenções urbanas do *Arte/Cidade*, outra de suas visadas é dada pela sua atenção à questão da 'modernização conservadora' presente em nossa cultura. Embora estejamos em meio a um processo econômico-político em que a noção de desenvolvimento nacional tenha se tornado vã, em termos concretos e efetivos (num esvaziamento que se intensificou nos últimos quinze anos), suas associações às idéias de progresso, superação do atraso, 'atualização' em relação ao estrangeiro *avanzado* visando manter-se 'em dia' com o que é lá produzido possuem notável eficácia ideológica em nosso imaginário social, desfrutando de forte encantamento cultural. Será atento às inversões culturais promovidas em nome da 'modernização' que o autor examinará as inserções do *Arte/Cidade*, assim como suas relações com tais aspectos.

Em sua leitura do conjunto dos eventos destaca-se o cuidado em esmiuçar as mudanças conceituais que foram ocorrendo na passagem de um a outro, as preocupações incorporadas aos projetos, acordos, instituições e recursos envolvidos. As entrevistas realizadas com organizadores e participantes auxiliam significativamente na compreensão não só das questões que foram dominantes, como daquelas que sistematicamente não foram abordadas, embora atuantes na produção como um todo. Internamente a tal detalhamento, o impulso central de Gabriel Girnos move-se no sentido de apreender os termos em que a dimensão crítica foi operada esteticamente, tanto no plano curatorial, quanto das intervenções artísticas propriamente ditas. Este é o fio condutor de seu olhar, um fio tenso, que percorre seu trabalho de ponta a ponta, urdindo-se num texto em que a relação entre arte e cidade é tratada, fundamentalmente, como uma relação entre o estético e o político.